

BORBOLETA

HEBDOMADARIO DE LITTERATURA

VOLUME II.

DOMINGO 31 DE DEZEMBRO DE 1876.

NUMERO 12

Director — Dias Freitas.

Proprietario — Magalhães Junior.

AS MODAS

Não ha nada mais variavel n'este mundo, que o capricho das modas.

Eram precisos muitos volumes, para a historia desenvolvida d'este assumpto, em que são mais as variações de fórmãs, que as mutações de Protheu.

Nos tempos antigos, as judias vestiam-se de linho quasi exclusivamente: e de linho estava em geral vestido David, quando dançára a tocar n'um festim.

As mulheres babilonias, vestiam tambem de linho, por cima das roupas de lã que trajavam: e as mulheres gregas, vestiam-se d'estes mesmos trajes, mas em sentido inverso. Vestiam de lã por cima do linho.

Quando o luxo attingiu um desenvolvimento inaudito, houve titulares abastados, que não poderam dar a suas esposas, na roda do anno senão 4 vestidos d'apparecer em publico: — um, em cada estação.

No tempo do rei de França Carlos 6.º, cognominado o *Bem-Amado*, usavam-se camisas luxuosas de sarja, em lugar de camisas de linho, que eram então pouco usuas: e a Isabel de Baviera, apesar da sua elevada posição, não a poupou o rigor da critica, por ella ter duas camisas de linho de grande custo.

Quem possuia então camisas d'estas, punha todo o cuidado na rua, em o publico as vêr por baixo das mangas.

Disseram até os criticos zombeteiros d'essa epocha de luxo, que não admirava o ter Carlos 6.º morrido fátuo em 21 d'outubro de 1422, á vista do luxo que o circumdava de dia e de noite, no palacio e fóra d'elle.

Quando em 1593 fôra em Paris baptisado o filho de Madame Sourdis, apresentou-se com elle Gabriela de Strées vestida tam luxuosa, e carregada de tantas pedrarias, que mal podia suster-se em pé com o baptisado. E' Latoile quem assim o narra, e com sobejas miudezas.

No tempo do rei de França Luiz 15.º, successor de seu bis-avô Luiz 14.º em 1 de setembro de 1715, usavam as senhoras de signaes pretos no rostos, dando a cada um d'elles uma significação particular.

Um d'estes signaes, juncto á palpebra do olho, significava *apaixonamento*. No meio da testa, *magestade pessoal*. N'uma das pregas do canto da bocca, *zombeteirismo*. Na face, *galanteria*. Nas azas do nariz, *ironia*. Nos labios, *garridismo*. Na ponta da barba, *sizudeza e gravidade*.

Seria longo em demasia, o dar o vocabulario inteiro d'estes signaes. Bastam os exemplos indicados.

D'apontamentos que tinha á mão; e não verificando sequer, se já d'alguma vez toquei n'alguma d'estas especies; offereço estas linhas aos attenciosos collaboradores da *Borboleta*, assignando-me respeitosa como sempre

Porto.

UMA PORTUENSE IGNOTA.



GRÁCEJO IMPERIAL

«*Tam bona cervix simul ac jussero,
demetur.*»

Vae o banquete em meio; as taças espumantes
Levam de boca em boca as frases scintillantes;
O riso se propaga em ondas de prazer;
A vista não tem mais que possa appetecer.
O ouro em profusão, as pedras preciosas,
As sedas de mais custo, as lyras sonoras,
Manjares do mais grato e fino paladar,
Tudo se ostenta allí com esplendor sem par.
Entre as joias, porem, qual d'ellas mais scintilla?
São duas, e ellas são os olhos d'Orestilla,
Da noiva deslumbrante allí, do anjo bom,
Sorrindo para o espozó, o tímido Pison.
A noiva! flor que vae desabrochar venturas
No riso matinal que infloram graças puras,
No enlevo de seu tracto, e n'esses dons d'amor
Que sabem mitigar a mais amarga dôr!
A noiva, sim, a noiva é quem lhe doira a vida,
Visão que dá conforto, e prenda appetecida,
A rosa que entre-mostra o seio virginal,
O lyrio que recende em solitario vall'!
O raio da ventura em seu olhar formozó
Vae abrasar o seio ao namorado espozó.
Este treme e palpita e, cheio d'emoção,
A' cinta d'Orestilla estende a sua mão...
—« Não aperteis assim a minha noiva! »—ao lado
Murmura d'improviso a voz d'um convidado.
Quem é que ultraja, insano, o enleio conjugal?
Cáligula, o tyranno, o satyro real.
Immenso foi o espanto, e foi maior, ao ver-se
A besta cezarêa, após a affronta, erguer-se,
E a noiva conduzir, chorosa e triste já,
Ao proximo aposento, e demorar-se lá...
Alguem contou que enquanto o imperador esteve
Bejando d'Orestilla o collo côr da neve,
Lhe disse com desdém, que a fez estremecer:
« Cahirá esta cabeça apenas eu quizer ».

Barca.

ALBERTO CRUZ.

PASCOAL PARENTE

Em o n.º 16 do volume 9.º do *Instituto*, consignou o nosso illustrado consocio o dr. F. A. Rodrigues de Gusmão, alguns curiosos apontamentos, tendentes a fazer conhecido um pintor de merecimento, que não fôra mencionado por Cyrillo, Tabora, Fr. Francisco de S. Luiz, nem pelo conde Raczyński, nas obras em que estes escriptores trataram dos mais notaveis artistas, que trabalharam em Portugal.

Este pintor, que em verdade bem merecia ser n'ellas mencionado, é Pascoal Parente, que floresceu na segunda metade do seculo 18.º

Depois d'enumerar as obras que co-

nhecia de Pascoal Parente, o sr. Gusmão termina o seu artigo da seguinte fórma:

«E um artista d'este toque, merecedor de figurar nas *Memorias dos Pintores Portuguezes*, por titulos mais justos do que muitos outros que n'ellas figuram;—é ignorado de todos os nossos escriptores, não havendo merecido uma linha sequer, que o recommende á posteridade!

«Possam as que deixamos traçadas, levantar-lhe o anathema do esquecimento, a que ha sido tão immerecemente condemnado.»

Diz o sr. Gusmão, que Pascoal Parente fôra portuguez: a verdade, porém, é que elle fôra natural de Résina no reino de Napoles, como se verá do documento que abaixo publicamos.

Alem das obras de Pascoal Parente, mencionadas pelo sr. Gusmão no seu curioso artigo, conhecemos outras que passamos a enumerar, completando assim—quanto possível—a interessante noticia do nosso estimavel consocio.

—Na capella do palacete do sr. conde da Graciosa, junto da Anadia, vimos ha annos uma pintura de Pascoal Parente, representando a *Fugida para o Egypto*. Tem este letreiro:

PASCAL PARENTE O
PINTOU NO ANNO 1777

—Na igreja de S. Bartholomeu de Coimbra, ha tres pinturas de Pascoal Parente: a do altar-mór que representa o martyrio d'aquelle Santo, e as dos altares lateraes que representam a *Senhora da Encarnação* e o *Senhor da Agonia*. A primeira tem este letreiro:

PASCOAL PARENTE
PINXIT ANNO 1778

As outras tem letreiros semelhantes, excepto na data, que é em ambas a de 1776.

—No convento das carmelitas descalças da invocação de Jesus Maria José, em Vianna do Castello, na portaria, e sobre a roda, existia (e não sei se existe ainda) o retrato do fundador do mesmo convento com este letreiro: *Caetano Correia de Seixas, Conego Doutor da Sé de Coimbra, lente de Canones Jubilado da Universidade, fundador e dotador do Convento de J. M. J. de Carmelitas descalças em a Villa de Vianna do Minho. Falleceu em Coimbra aos 14 de Novembro de 1786. Jaz sepultá-*

do na Igreja da dita Sé. Pascoal Parente o pintou em 1787.

—Na igreja de Santa Cruz de Coimbra existe em arrecadação uma grande pintura, apropriada para o altar-mór, e que representa —segundo nos parece— a *Exaltação da Cruz*. Tem este letreiro:

PASCOAL PARENTE
O ACABOU EM 1788

—Em 1864 vimos na igreja do mosteiro de Lorvão algumas pinturas com a assignatura de Pascoal Parente.

—E' do mesmo artista a pintura que está no altar-mór da igreja do convento de Santa Thereza, em Coimbra.

—Era de Pascoal Parente um quadro das *Almas do Purgatorio*, que ha poucos annos se conservava juncto da *Porta Fereira* da Universidade.

—A pintura do retabulo do altar-mór da igreja do Seminario d'esta cidade, em que se representa o *Menino entre os Doutores*, embora atribuida a Pascoal Parente, não nos parece ser obra d'este pintor.

—A'cêrca da pintura a fresco do zimbório do mesmo Seminario, podêmos alcançar uma *cópia do contracto*, pelo qual o artista se obrigou a fazel-a.—E' a seguinte:

«Por este a meu rogo feito, e por mim assignado, confesso eu Paschoal Parente da Villa de Résina no reino de Napoles, e assistente n'esta cidade, ter ajustado com o R. D. Nicolao Gilberti Reitor do Seminario de J. M. J. da mesma cidade, por ordem que tinha do Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Snr. Bispo Conde, de pintar todo o zimbório da igreja do mesmo seminario, conforme o risco e borrão que está assignado por mim e pelo dito Revd.^o Reitor, no qual se representa a Coroação da Virgem Maria N. S.^a, e as Tres Pessoas da SS.^{ma} Trindade, muitos Santos do Testamento Velho, o glorioso S. Miguel Archanjo, e outros muitos Anjos como mais distinctamente se mostra no risco:— com declaração, que não agradando alguma ou algumas das figuras que no dito zimbório se hão de pintar, será obrigado a desfazel-as, e tornal-as a fazer e compor, mandando assim S. Excellencia ou o Reitor, somente por preço tudo de seiscentos mil reis: —e toda a dita obra será por conta e despeza d'elle sobredito pintor, sem que o seminario seja obrigado a concorrer com cousa alguma, excepto um rapaz da obra para assistir-lhe e trazer-lhe as cousas necessarias, e um pedreiro para

guarnecer a cal necessaria, e fazer-lhe os andaimes: —e que em todo o tempo que trabalhar na dita obra se lhe dará de jantar no mesmo seminario: —e elle sobredito pintor se obriga tambem, alem da obra do dito zimbório, dar os paineis em que hão de pintar todas as figuras que estão no risco, para mostra e regra do que ha de pintar no mesmo zimbório, para ficarem para o seminario: —e toda a dita obra deve ser feita com toda a perfeição e proporção, tendo respeito á altura do dito zimbório: —e feita que seja, será vista e examinada por professores capazes: —e só aachando-se em termos e conforme os seus apontamentos e preceitos da arte haverá a obrigação do preço e paga ajustada, com repetição do que tiver recebido; porque ametade, a saber trescentos mil réis, lhe serão dados pelo decurso da obra em diversos pagamentos; e outra ametade, a saber trescentos mil reis, no fim da obra, e depois que approvada fôr, na forma sobredita: —e por este modo disseram se achavam obrigados.

Em firmeza do que assignaram este escripto, que a seu rogo fiz; e depois de feito lhe li eu Manoel Soares Couceiro, ordinando do mesmo seminario, sendo mais testemunhas ahi presentes o Revd.^o Dezbargador Luiz de Mello, e Jacome Azzolini, architecto do mesmo seminario, que tambem assignaram no fim d'este, aos tres de Julho de 1757 (mil setecentos e cincoenta e sete).

Pascale Parente, ut supra

R. Nicolao Gilberti
Luiz de Mello
Giacomo Azzolini

Pascoal Parente falleceu a 9 de janeiro de 1792: e foi sepultado na igreja das religiosas carmelitas descalças de Santa Thereza de Coimbra, como consta do *Livro dos Obitos* da freguezia da sé da mesma cidade, a fl. 113.

Devemos ao nosso saudoso amigo Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, a copia do contracto que acima vae publicado, bem como a noticia extrahida do *Livro dos Obitos* da Sé.

Coimbra.

A. M. SIMÕES DE CASTRO.

A NOIVA D'ABYDOS

Poema de Lord Byron

Versão de Alfredo Campos

Canto primeiro

XIII

—« Então, Sélim, não és o que pareces?
 Oh! meu Sélim querido, que mudança
 Foi operada em ti, tão dolorosa?
 Eras ainda esta manhã tão meigo
 E tão affectuoso, mas agora
 Quão differente estás do que então eras!
 Meu amor conhecias certamente,
 Menor nunca elle foi, nem poderia
 Também maior tornar-se, mais intenso.
 Ver-te, ouvir-te e lograr tua presença,
 A noite detestar, talvez somente
 Porque apenas de dia nos olhamos;
 Viver contigo ou ter contigo a morte,
 Eis a esperança que minh'alma nutre,
 E cumular de beijos, d'este modo,
 Teus labios, tuas faces e teus olhos,
 D'estes beijos assim... oh! basta; basta!..
 Allah! que tens os labios chammejantes,
 E incendeia-te a febre o sangue, as veias.
 Viva febre que ás minhas se transmite,
 E me faz o rubor subir ás faces.
 Consolar-te nas dores quando enfermo,
 E adoçar-te os desgostos, na saude,
 Partilhar das riquezas que lograstes,
 Ou quinhoar das privações contigo,
 Tomar sobre meus hombros meio pezo
 Do grande fardo da existencia tua
 Sem soltar um murmúrio, um só queixume,
 Tudo fazer, menos cerrar teus olhos
 Na hora extrema, que não fora tental-o,
 Não quero mais, a nada mais aspiro.
 Oh! podesse ir mais longe e m'o pedisses!
 Diz-me, Sélim, porem, porque motivo
 Carecemos d'andar neste mysterio?
 Em vão o indago; assim o queres, seja.
 Oh! no entretanto comprehendere não posso
 O que queres dizer fallando d'annos,
 Fallando-me d'amigos e vingança.
 Do juramento que te fiz propunha-me
 Noticia dar a Giasfir; a colera
 Revogal-o de novo, não deixava,
 Mas elle permittia-me, sem duvida
 Que eu gosasse de toda a liberdade.
 Que ha de notavel que deseja ainda
 Conservar-me tal qual hei sido sempre?
 Só a ti tenho visto desde a infancia
 E só a ti desejo ver, que foste
 Meu companheiro d'infantis folguedos,
 Meu guia nos passeios solitarios.
 Porque não heide confessar agora
 Estas minhas ideias queridissimas,
 Germinadas em mim mal fui nascida?
 Que ha que possa forçar-me a ter occulta

Uma verdade que até agora fora
 Justa causa do meu, do teu orgulho?
 Nossas leis, nosso Deus, e nosso culto
 Não permitem me mostre a olhos estranhos,
 E nunca houve um momento em que soltasse
 Sobre a lei do Propheta algum queixume;
 Obedeço-lhe e julgo-me ditosa,
 Pois deixando-me ver-te tenho tudo.
 Horrroso seria se me dessem
 Contra minha vontade a qualquer homem
 Que nunca por meus olhos visto fosse.
 É porque heide esconder isto que eu sinto?
 Este dissimular de que uso sempre?
 Illucida-me breve, não me deixes
 Entregue a ideias que soffrer me fazem.
 Ah? mas regressa o thocador, é findo
 O exercicio, e meu pai tardar não pode.
 Oh! tremo d'agora encontrar-lhe os olhos;
 Dize-me Sélim, porque tremo tanto?

(Continua)

DOLORES

(Continuação)

VIII

D. Garcia sahiu. Ha mais franqueza e liberdade nos habitos hispanhoes, que nos portuguezes. Nós somos ciosos das nossas mulheres e filhas até ao exagêro. Parecemos que qualquer extranho nol-as arrebatava á primeira vista e não as abandonamos sem sentinellas. Os hispanhoes não. E' necessario insistir n'este ponto, para que o leitor metieuloso não imagine, no decurso d'este singello conto, achar inverosimilhanças, onde está a simples expressão da verdade. Eu fiquei só com Dolores até á hora do jantar. D. Garcia ralhava na cosinha, ralhava nos quartos e chamava com voz estridente a cada momento:

—Pepe! (o creado)—Carmen! (a creada).

Para introdução da palestra perguntei a Dolores se tocava piano. Era uma banalidade como outra qualquer. Respondeu-me modestamente, que tocava alguma coisa. Disse-lhe que gostava muito de musica; respondeu-me com um sorriso a esta nova banalidade, e sentou-se ao piano.

Tive-me sempre por apreciador da boa musica. Fui creado com ella. Todos em minha casa tocavam piano. Minha mana mais velha foi discipula de canto d'um celebre Bertozzi, italiano adorador de Baccho, mas que nos diliciava a todos quando collocava as mãos de descommunal grandeza

nas teclas. Dolores era professora consummada. Eu admirei-a e applaudia-a sinceramente.

Cantou depois com voz não muito forte, mas afinadíssima, egual e cheia de expressão uma *cavatina* de Macbeth. Iamo-nos familiarisando, Desapparecia o constrangimento natural entre pessoas que apenas se conhecem. Ella manifestava-se risonha, irrequieta, como uma adoravel creança que era (tinha desoito annos). A' hora de jantar, e quando Carmen veio dizer-nos que D. Garcia já nos esperava á mesa, dava ella sonoras e engraçadissimas gargalhadas a proposito de umas cousas burlescas que eu lhe contava do meu mestre de dança. Oh! perdoa-me, pretinho de impertigada memoria. Não se revolvam no tumulto os teus flexiveis e arqueados braços e os teus pés em recta permanente e irreprehensivel. As tuas apreciaveis qualidades moraes e phisicas foram respeitadas, rimos unicamente dos teus olhos que brilhavam como carvões accesos quando nós faziamos desairosamente um *en avant quatre*, dos teus labios que se destendiam desdenhosos e immensos quando erravamos um *en arriere!*

IX

Findo o jantar fomos dar um passeio pelas propriedades de D. Garcia que as tinha excellentes. Toda a tarde rimos, colhemos fructos das arvores e bebemos agua, apanhada no concavo das mãos nas purissimas nascentes da montanha. Contar-lhes-hei um episodio? Estremeço ainda, ao pensar n'elle. Chegámos ao cume do monte de Santa Tecla, com sede. Havia uma nascente entre unas pedras. Dirigimo-nos para ella, mas hesitamos ambos em meter-lhe as mãos, com receio de a turvarmos, inutilizando-a assim para os outros. Dolores correu ligeira como uma pomba, curvou-se, apanhou agua nas sua brevissimas mãos e chegou-a aos labios do pae. Eu ria da operação. Quando, porem, ella se tornou a curvar tomando novamente agua e se dirigiu a mim, quasi que tive medo. O contacto d'aquellas mãos nos meus labios!... Mas não podia recusar... creio que me fiz pallido de commoção.

Fiquei triste por um momento. Depois repelli todas as ideias que se afastassem do innocente brinquedo em que andavamos, e pensei: —ámanhã vou-me embora.

Anoitecia. Voltamos para a Guardia. Eu imaginava um serão delicioso, e dizia-

a Dolores. Confessei-lhe que tocava alguma coisa piano. Foi uma imprudencia. Desde esse momento, não fallava senão em irmo-nos para casa.—Heide cantar, dizia ella, e o snr. hade acompanhar-me. Gosto muito d'isso. Fico mais livre e entrego a alma inteiramente ás harmonias da musica e á poesia da lettra, sem estar constrangida ao acompanhamento, que absorve grande parte da attenção. Observei-lhe que não poderia acompanhá-la logo de repente. Respondeu-me: —Estudaremos, estudaremos.

(Continúa)

Praia da Granja.

ALMEIDA PINHEIRO.

—•••••

A' MEMORIA DO MEU CONDÍSCIPULO

Ricardo Augusto d'Oliveira Lopes Branco

Amigo, se atravez da immensidade,
Lá do céo, onde habitas, vês o mundo,
Vê tua alma na minha quanto é fundo,
Immenso, eterno, o golpe da saudade;

Se te lembra a passada mocidade,
Nosso viver de Coimbra, tão jucundo
Relampago, brilhando 'num segundo,
Que nossa alma inundou de claridade;

Se lá juncto do Eterno essa alma pura
Vem colher, condoida, em teu jazigo
Perpetuas, que allí põe minha amargura;

Em quanto, em meu desterro, eu te não sigo,
Intercede por mim,—pede a ventura,
Que este mundo recusa ao teu amigo

JOSE' D'ORNELLAS

~~~~~

### EMILIA, A FIDALGUINHA

Romance original

(Continuação do n.º 9.)

## CAPITULO II

## Uma festa de familia

Angelo baixou os olhos, e nada disse.  
—Então?...

—Os seus pedidos, senhor, são ordens.  
Quem tem sido para mim mais do que protector, um amigo desvelado, um verdadei-

ro pae, tem direito a mandar-me com a auctoridade do senhor sobre o escravo.

—Nunca o considerarei como tal!

—E se fosse, não me deshonraria a escravidão, snr. fidalgo.

—Fidalgo!... repetiu Fernão de Aboim com certo ar de severidade.

E Angelo, não sabendo por que lado deveria encarar aquella reprehensão, ficou completamente alheio de si.

—Para o homem que trabalha, continuou Fernão de Aboim, e que preza a sua honra, não sou fidalgo, sou igual a elle! Sou fidalgo para aquelle que se atasca no tremedal do vicio, delapidando assim a sua dignidade e a dignidade dos seus! Sou-o para aquelle que insulta a soberania do trabalho, e que mancha a sua consciencia, procurando na noite da infamia inspiração para os seus planos! Ha uma só nobreza na terra, é a do trabalho! E aquelle que lidar sempre com os olhos fitos na virtude e na honra, terá conquistado o melhor dos brazões, o mais nobre dos titulos! A verdadeira fidalguia, repare bem que sou eu que lh'o digo, Angelo, a verdadeira fidalguia não consiste nos pergaminhos com que se pavonea o orgulho villão, nem nos brazões que se ostentam, como signal de vangloria, na fachada dos palacios! Todos somos eguaes perante o trabalho e a honra; e aquelle que mais honrado fôr, esse será o mais nobre. Angelo, prese a sua arte, e leve-se; nunca se desvie do caminho que seus paes lhe traçaram, e saiba conservar sem nuvens o céu da alma, que terá adquirido a verdadeira fidalguia, a fidalguia que emana do trabalho honrado, como a luz do sol.

Angelo estava admirado de ouvir assim fallar o fidalgo.

—Não pensa tambem d'este modo?

—As suas palavras confundiram-me a tal ponto, snr. fidalgo, que não me atrevo, diante d'um character tam democrata, a confessar as minhas idéas.

—Quer dizer que pensa como eu.

—Sim; «ha uma só nobreza na terra, é a do trabalho»!

Angelo levantou-se para ir buscar o quadro, mas sua mãe, anciosa por mostrar ao fidalgo o trabalho de seu filho, apressou-se em apresental-o a Fernão de Aboim.

Collocou-o sobre a meza, tirou o panno que o envolvia, e todos os olhares se concentraram na mimosa paisagem, pois o quadro era a representação fiel do Castello e dos seus arredores.

SOUSA MOREIRA.

## A' HORA DO MEIO-DIA

Nas comas do arvorêdo as avesinhas  
Dormitam chilreando; o sol d'agosto  
Banha d'argentea luz o meigo rôsto  
D'umas rotas e loiras creancinhas;

A messe loirejante da campina  
Evolve-se á mercê da viração,  
Que lhe imprime a suave ondulação  
Dos seios vaporosos d'uma Ondina;

O lavradôr enxuga a baga ardente  
Do suor dos trabalhos matinaes,  
Cantando umas cantigas virginaes  
Eameigando os filhinhos docemente;

No ar vaga o perfume indiscriptivel,  
Que parte do estendal de muitas flores,  
E o monotono som intraduisivel  
Das asas dos insectos multicôres;

O indefinido espaço do horisonte  
Parece um mar de luz sem movimento,  
—Luz que partindo lá do firmamento  
Vem reflectir-se nos christaes da fonte.

E toda a gente foge e se recata  
D'essa febril e abrasadôra luz;  
—Só eu da sua campa juncto á cruz,  
Recordo e choro a sua imagem grata!...

Porto.

ALVARO FÉRNÍ.

## A FOLHA DE TABACO

(Lenda arabe)

Em nome de Alah, clemente e misericordioso, que em cada dia ensina aos homens uma das muitas coisas que não sabem, ouvi:

Porque Elle só é grande, e potente, o Senhor dos anjos e dos homens;

Nos seus labios está a perola da verdade;

E a luz desses soes que brilham sobre as Montanhas azues, são o fogo que dimina dos rubis dos seus olhos;

Um dos seus dedos governa a machina dos mundos; e o sopro da sua bocca é o Simoun que varre as areas do Deserto.

Ouvi.

Esta não é a lenda da bella Zobeida, nem da sultana de Kandakar, nem a historia da formosa Beduina, nem nenhuma outra dessas dulcissimas lendas e contos-de

fadas, que cantam os bardos orientaes ao som da guzla na porta dos cafés de Bagdad ou nos bazares de Djeddha.

Esta não é nenhuma dessas lendas côr de rosa que entoam as beduinas junto ao poço da Benção, levando o seu cantaro quando o sol se reclina nos braços da tarde; ou que referem os pastores do deserto, reunidos nas Penhas Coloradas, á hora em que os camellos e as caravanas repousam sob a branca tenda e a lua se levanta no horisonte.

Esta é a lenda que recitam os bons crentes, olhando para Kibla-santa, e que me referio Aly-Hassan, da tribu Beni-el-Vedar, uma manhã que passeavamos juntos pelas margens do mar.

Ao nascer do sol, Aly estendeu o tapete da oração, cahiu de joelhos e recitou o *Fattah*.

Quando terminou a sua oração, ergueuse e offereceu-me o cachimbo da amisade: sentamos-nos, e começamos a fumar juntos.

—Não sabes tu, christão, me disse, a origem d'esta folha, cujo perfume estamos aspirando e cujo fumo se eleva até Alah, com os perfumes das rosas que pisam os nossos pés?

—Não sei, musulmano, lhe respondi,

—Alah seja bemdito! exclamou, —pois so aos crentes revelou os mysterios das coisas occultas, pela bocca do Propheta. Elle é o Grande!

E, collocando novas folhas de tabaco no seu cachimbo, referiu-me esta lenda, singella, mas perfumadamente religiosa e severa:

Viajava uma vez o Propheta Mafoma pelos desertos Yemeso.

Era inverno, e como fazia frio, os reptis dormiam o lethargo das largas noites.

O camello que montava o Propheta poz a pata sobre a guarida de uma vibora, e apparecen esta então inteiramente entorpecida pelo frio.

Teve compaixão Mafoma do pobre reptil, desceu do camello, tomou a vibora, e collocou-a dentro da manga da sua tunica para que volvesse á vida: e o calor reanimou-a novamente.

Então começou a mover-se; levantando a cabeça, disse:

—Propheta; quero morder a tua mão.

—Não sejas ingrata, lhe respondeu elle.

—Quero-o.

—Quando me dês uma rasão e me proves que te dei motivo, consentirei que me mordas.

—A tua raça, disse a vibora, está sempre em guerra com a minha: eu necessito vingar-me.

—Mas não se trata agora da tua raça e da minha, respondeu com doçura o Propheta: tracta-se agora só de ti e de mim. Que mal te causei? Pois não acabo de fazer-te um beneficio, dando-te vida com o calor do meu peito e do meu braço?

—Pois quero morder-te, para que tu não possas de futuro causar damno aos meus filhos e aos da minha raça.

—E' isso uma ingratidão, miseravel reptil: pagas o bem com o mal. Ai de ti que tão cruel queres pagar os beneficios!

—Quero-o, gritou iracunda a vibora: e pois, por Deus, que heide morder-te.

Ao ouvir o nome de Deus, o Propheta não se atreveu a replicar. Inclinou a cabeça, e disse: «Que o seu nome seja bemdito. Seus somos e por Elle temos a vida».

E estendeu a mão para que a vibora mordesse.

E a vibora mordeu a mão sagrada do Propheta.

Então este, possuido de uma viva dôr, arrojou a vibora longe de si, e em nome de Deus Grande a maldisse porque fôra ingrata, e com ella a todos os homens que praticam do mesmo modo.

O Propheta em seguida applicou com força os seus labios na ferida, chupou e extrahiou o veneno da vibora.

E cuspiu-o depois sobre a area do deserto.

E no sitio onde cahiu a saliva nasceu uma planta, que cresceu de repente e se encheu de folhas.

Os arabes que acompanhavam a Mafoma quizeram queimar algumas d'aquellas folhas, como um holocausto ao Deus Unico, Clemente e Misericordioso que salvára do veneno ao chefe dos crentes: e então perceberam o extranho e delicado aroma que as folhas d'aquella planta exhalavam ao queimar-se.

Desde aquelle dia todos os bons musulmanos fumam as folhas d'aquella herba maravilhosa e abençoada que o dedo de Alah faz multiplicar-se nas areas e os oasis, aspiram o seu perfume com respeito e praser, porque participa o seu sabor da amargura do veneno da vibora e da doçura da saliva sagrada do Propheta.

A folha de tabaco é desde então a delicia dos Hadjis que fazem a peregrinação a Meca, dos Ulemas que ensinam a sabedoria no atrio da mesquita de El-Azahr

que é fonte de alegria e luz, e que são os reis do Deserto.

E também desde então o crente que recebe de outro musulmano o sol da hospitalidade sob a sombra de sua casa ou de sua tenda, está obrigado a amal-o e a matar-se em sua defesa, porque é seu irmão, e porque a maldição do Propheta pesa sobre a cabeça dos *ingratos*, que não poderão ver a lua clara do Paraizo na noite da sua morte.

Esta é a lenda da *folha de tabaco*, que se transmite de tribu a tribu pelos velhos crentes, através das gerações e dos seculos, para instrução dos musulmanos e gloria de Alah, cujo nome é e será sempre abençoado.

Lisboa.

C. GOODOLPHIM.

### EXCERPTOS D'UM POEMA

—Versão—

## I

Era ainda cedinho. A cotovia  
as azas peneirando, sacudia  
a perola do orvalho,  
que rútilo caía  
dos ramos d'um carvalho.

O som do campanario esvoaçava  
lento e lento, e os eccos despertava  
da quebra adormecida,  
por onde se acoitava  
a sombra espavorida.

Sus! Basta de dormir. É dia nado.  
Por ti espera vigilante o gado;  
e na vasta campina  
o ocioso arado  
tua inacção crimina.

Ha muito a noite rarefez o manto.  
Saudoso o rouxinol calou seu canto  
ao ver de luz banhado  
o matutino pranto  
nas folhas pendurado.

Não vês que embrandeceu a cachoeira  
que mais forte cascalha na ribeira  
emquanto a luz d'aurora  
não doira a cordilheira,  
onde ó silencio mora?

Alguns instantes mais; e o sol ja nado  
resvalará das beiras do telhado,  
mandando um raio amigo  
aos alpendres do cirado,  
onde loireja o trigo...

(Continúa)

Braga.

DIAS FREITAS

### PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Lemos o n.º 2 dos *Ortigões*, chronica mensal, redigida pelo snr. Urbano Loureiro.

É um volume pequeno, porem mui interessante, não só pela correção com que está escripto, mas também, e principalmente, pela fina graça que de todas as suas paginas resalta.

É inquestionavel que no genero de litteratura que se revela nos *Ortigões*, o snr. Urbano Loureiro é dos nossos escriptores mais distinctos

O n.º que temos presente justifica plenamente a lisongeira acolhida que esta publicação vae tendo.

—Recebemos o n.º 5 da 2.ª serie do *Instituto*, correspondente ao mez de novembro.

Seria superfluidade encarecer o merecimento d'este periodico, a primeira e a mais antiga folha litteraria do paiz.

—Foram-nos também enviados os 2 primeiros n.ºs do *Seculo*, redigido pelos snr. drs. Correia Barata e A. Zeferino Candido.

—Recebemos mais as seguintes publicações, de que nos occuparemos, quando concluidas:

—*O Anjo da Guarda*, romance de H. P. Escrich—Versão de Cruzeiro Seixas.—Publicação da Bibliotheca do *Cura de Aldeia*. (Fasc. 6 e 7).

—*Filho do Diabo* (Primeiras folhas) Publicação da *Bibliotheca Contemporanea*.

### EXPEDIENTE

Diz-nos o sr. Marianno Rocha, de Guimarães, que não é elle o auctor dos versos que com o seu nome saíram na *Borboleta*, n.º 10; mas sim o sr. A\*\*\*

Termina este n.º o primeiro trimestre do vol. 2.º da *Borboleta*.

Serão considerados assignantes do trimestre seguinte os cavalheiros a quem remetermos o n.º 13, e não o devolvam com a possivel brevidade.

# INDICE

|                                                                                | PAG.          |                                                                         | PAG.                           |
|--------------------------------------------------------------------------------|---------------|-------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|
| A' beira-mar, poesia.                                                          | 180           | Destroços, poesia                                                       | 176                            |
| Abysmos, poesia.                                                               | 35            | Depois da sombra, poesia.                                               | 73                             |
| Academia (a)                                                                   | 110           | Devaneio, poesia                                                        | 11                             |
| Academia (la)                                                                  | 166, 176      | Diccionario de Jobson (o).                                              | 15                             |
| Acclamação de D. João IV.                                                      | 71            | Dito de Montesquieu.                                                    | 123                            |
| Adeus, poesia.                                                                 | 123           | Dito de Sterne.                                                         | 123                            |
| Aguia despenhada (a), poesia                                                   | 30            | Discurso inaugural                                                      | 1, 9, 17, 26                   |
| A' exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. M. G. N. d'Azevedo.                 | 151           | Dolores.                                                                | 41, 50, 77, 104, 111, 119      |
| A' exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. Thereza, poesia.                    | 39            |                                                                         | 128, 135, 142, 152             |
| Album (no), poesia.                                                            | 171           | Drama vulgar, poesia.                                                   | 7                              |
| Alfredo d'Aragão (a), poesia.                                                  | 22            | Duas palavras.                                                          | 92                             |
| Amada (á), poesia                                                              | 83            | Duas supplicas, poesia                                                  | 54                             |
| Amelia Bustamante, poesia.                                                     | 165           | E. d'A., poesia.                                                        | 99                             |
| Anjo, poesia                                                                   | 47            | Elvira                                                                  | 39, 53, 99, 146, 161, 170, 179 |
| Annos da exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. Elvira Nunes de Mattos (aos). | 111           | Emilia, a fidalguinha.                                                  | 7, 14, 21, 37, 82, 105         |
| Anniversario de Gabriel Pereira de Castro.                                     | 150           | Emmelina                                                                | 160, 168, 178                  |
| Anniversario da Restauração de Portugal (No)                                   | 71            | Encarcerado (o), poesia                                                 | 115                            |
| Anonymo (o)                                                                    | 125           | Entre arvoredos.                                                        | 44                             |
| Apparição d'uma hostia no ceo, em Braga, em 1640                               | 74            | Episodios                                                               | 130, 145, 155, 162, 171        |
| A' primeira flor.                                                              | 174           | Epoeias da restauração.                                                 | 50                             |
| Archeologia (a).                                                               | 167           | Espolio d'um bispo.                                                     | 159                            |
| A S. e Castro, poesia.                                                         | 48            | Estio (o) poesia.                                                       | 51                             |
| A ti, poesia                                                                   | 37            | Excerptos d'um poema                                                    | 108, 116, 124                  |
| A ti, poesia                                                                   | 113           | Extracto d'um livro inedito.                                            | 127                            |
| A ti, poesia                                                                   | 136           | Flor (a uma), poesia                                                    | 9                              |
| Ave libertas, poesia.                                                          | 76            | Foje, poesia                                                            | 43                             |
| Banhos entre os romanos (os)                                                   | 97            | Folha do tabaco (a).                                                    | 106                            |
| Barcarola, poesia                                                              | 34            | Folhetim (o)                                                            | 151                            |
| Bebidas, I, o chá.                                                             | 138, 144, 163 | Fragmento.                                                              | 148                            |
| Bianco vestitas, poesia                                                        | 13            | Fragmento, poesia                                                       | 177                            |
| Borboletas e flores, poesia.                                                   | 42            | Gato (o seu), poesia                                                    | 139                            |
| Borrasca e bonança, poesia.                                                    | 21            | Genebra (a), poesia                                                     | 110                            |
| Bracarenses insignes                                                           | 33, 49        | Glorias brasileiras                                                     | 28, 36, 47, 52, 81             |
| Byron, poesia                                                                  | 18            | Gordo (um)                                                              | 11                             |
| Campo (o), poesia                                                              | 169           | Gracejo imperial, poesia                                                | 102                            |
| Campoamor (de), poesia                                                         | 174           | Guerras da restauração                                                  | 76                             |
| Canção, poesia                                                                 | 131           | Hora do meio dia (á), poesia                                            | 106                            |
| Caixa do rapé (a)                                                              | 79            | Horas mortas (ás).                                                      | 122, 132, 139, 147, 164        |
| Cartas bibliographicas                                                         | 173           | Hymno ao amor.                                                          | 14                             |
| Casamento (o melhor).                                                          | 124           | Independencia, poesia.                                                  | 66                             |
| Cativeiro, poesia                                                              | 58            | Introdução                                                              | 1                              |
| Caridade (a), poesia                                                           | 12            | Je suis un croyant, poesia.                                             | 33                             |
| Caridade                                                                       | 149           | João Baptista Gomes.                                                    | 158                            |
| Carta de Guiomar Torrezão.                                                     | 94            | Jornalismo na emigração.                                                | 113, 141                       |
| Choras (se), poesia                                                            | 31            | Leis e reis.                                                            | 114                            |
| Cintra                                                                         | 6, 12         | Lembras-me sempre, poesia                                               | 29                             |
| Confissão, poesia.                                                             | 145           | Lesbia (a), poesia                                                      | 167                            |
| Conselhos a Rosa, poesia                                                       | 50            | Liberdade (a)                                                           | 69                             |
| Conspiradores portuguezes.                                                     | 87            | Limiar do infinito (ao), poesia                                         | 159                            |
| Contraste, poesia.                                                             | 161           | Livre, poesia                                                           | 114                            |
| Coquettes (ás), poesia.                                                        | 20            | Loureiro (o)                                                            | 79                             |
| Coração ao largo, poesia                                                       | 56            | Lua (á), poesia                                                         | 42                             |
| Coroação do Rei D. João IV                                                     | 85            | Mais gato, poesia.                                                      | 162                            |
| Cruz do ermo, (a) poesia                                                       | 15            | Maximas                                                                 | 123                            |
| Cyntia (a), poesia.                                                            | 126           | Memoria do meu condiscipulo Ricardo Augusto d'Oliveira Lopes Branco (á) | 105                            |
| Cypreste (o).                                                                  | 5             | Miragem, poesia.                                                        | 109                            |
| Deante d'um retrato, poesia                                                    | 49            | Modas (as)                                                              | 4, 101                         |
| Decima aos litteratos (da).                                                    | 109           | Modas                                                                   | 25, 51, 95, 152                |
| Desconhecida (A uma), poesia                                                   | 4             | Mondego (á beira do), poesia.                                           | 78                             |
| Desfecho escholar                                                              | 221           | Morres-te, poesia                                                       | 123                            |
|                                                                                |               | Mulher (a), poesia                                                      | 45                             |
|                                                                                |               | Mysterio, poesia                                                        | 38                             |

|                                                     | PAG.                                |                                                                | PAG.            |
|-----------------------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------|
| Mysterio, poesia . . . . .                          | 10                                  | Redempção. . . . .                                             | 59              |
| Mysterio, poesia. . . . .                           | 99                                  | Religião e liberdade. . . . .                                  | 22, 31, 53, 113 |
| Na quinta de S. Thomé, em Condeixa, poesia. . . . . | 97                                  | Reminiscencias da Patria. . . . .                              | 63              |
| Nascimento de Christo . . . . .                     | 96                                  | Resgate, poesia. . . . .                                       | 125             |
| Natal (o), poesia . . . . .                         | 95                                  | Resposta, poesia . . . . .                                     | 22              |
| Noite (de), poesia . . . . .                        | 96                                  | Restauração (a), poesia . . . . .                              | 65              |
| Noiva d'Abydos (a) . . . . .                        | 13, 20, 27, 53, 104                 | Retrato de Rachel, poesia. . . . .                             | 146             |
|                                                     | 121, 128, 134, 154, 160, 168        | Rumores litterarios . . . . .                                  | 8, 38, 55       |
| Numero do Intermezzo, poesia . . . . .              | 31, 43                              | Salvè, Patria . . . . .                                        | 64              |
| Nuvens, poesia . . . . .                            | 80                                  | Sempre ella, poesia. . . . .                                   | 82              |
| Occulto instruido (o). . . . .                      | 29                                  | Sombras na luz, poesia . . . . .                               | 155             |
| Olhos (uns), poesia . . . . .                       | 152                                 | Sombras, poesia . . . . .                                      | 25              |
| Palavra (a). . . . .                                | 6, 83, 115                          | Senhor da Fonte de Vida. . . . .                               | 174             |
| Pascoal Parente. . . . .                            | 102                                 | Soneto . . . . .                                               | 23              |
| Phases do amor, poesia . . . . .                    | 67                                  | Soneto . . . . .                                               | 37              |
| Pateadas academicas. . . . .                        | 42                                  | Soneto . . . . .                                               | 121             |
| Patria. . . . .                                     | 66                                  | Soneto . . . . .                                               | 176             |
| Patria, poesia . . . . .                            | 87                                  | Soneto arcadico. . . . .                                       | 145             |
| Patria e liberdade . . . . .                        | 69                                  | Successos da restauração. . . . .                              | 89              |
| Pedido, poesia . . . . .                            | 23                                  | Templo (ao) poesia . . . . .                                   | 64              |
| Penedo da saudade, poesia. . . . .                  | 136                                 | Transfiguração, poesia . . . . .                               | 39              |
| Poetas, poesia . . . . .                            | 35                                  | Travessura, poesia . . . . .                                   | 84              |
| Pombas (as), poesias. . . . .                       | 44                                  | Tres periodicos lisbonenses. . . . .                           | 117             |
| Portugal no estrangeiro . . . . .                   | 114                                 | Tribunal de sangue. . . . .                                    | 23              |
| Publicações litterarias. . . . .                    | 16, 23, 32, 40                      | Tristezas, esperanças e preces, poesia . . . . .               | 46              |
|                                                     | 48, 56, 84, 108, 116, 124, 140, 148 | Typos finissimos . . . . .                                     | 34              |
|                                                     | 156, 172                            | Versos. . . . .                                                | 3               |
| Quatro poemas heroi-comicos . . . . .               | 129                                 | Versos para se recitarem no beneficio do actor Samuel. . . . . | 143             |
| Quinze de Dezembro . . . . .                        | 85                                  | Vicente Novaes (a), poesia . . . . .                           | 15              |
| Rappelle-toi, poesia. . . . .                       | 93                                  | Vicente Novaes (a), poesia . . . . .                           | 47              |
| Receio, poesia. . . . .                             | 6                                   | Victimas (as), poesia. . . . .                                 | 129             |
| Recordação patriotica. . . . .                      | 68                                  | Vingança de Tiberio, poesia . . . . .                          | 38              |
| Recordações do Rio de Janeiro. . . . .              | 19                                  | Voz do trabalho (a), poesia . . . . .                          | 118             |
| Recorda-te, poesia . . . . .                        | 179                                 | Zorrilla (o poeta). . . . .                                    | 137             |

